



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com empresários italianos e brasileiros na Confindústria

Roma-Itália, 17 de outubro de 2005

Senhor Adolfo Urso, vice-ministro das Atividades Produtivas,
Meu caro ministro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,

Meu caro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República,

Meu caro Paulo Skaf, presidente da FIESP,

Meu caro embaixador Petroni, que está fazendo, aqui, o papel de mestre de cerimônias neste evento, grande embaixador da Itália no Brasil,

Senhores empresários brasileiros,

Senhores empresários italianos,

Senhoras empresárias brasileiras e italianas,

Jornalistas,

Convidados,

Muitas coisas que eu vou ler aqui já foram ditas. Eu vou ler o meu discurso mas, possivelmente, o que eu queira falar com vocês não está escrito aqui.

Primeiro, é um prazer muito grande poder me reunir com empresários italianos e brasileiros aqui, nesta bela cidade de Roma. Brasil e Itália são tão velhos conhecidos que dispensam apresentações.

Não sei se vocês perceberam quando eu disse ao meu ministro, Secretário da Presidência, eu disse Luiz Dulci, e o “Dulci” já diz o grau de parentesco com os italianos, muito forte.



Eu estou vendo uma pessoa, aqui, e eu preciso dizer para vocês da nossa querida figura, ex-presidente da CNBB, o nosso querido bispo brasileiro, Dom Luciano, que está aqui, curiosamente, para ver o que tem o governo brasileiro para dizer aos empresários brasileiros e aos empresários italianos. Dom Luciano foi um guerreiro na defesa da democracia e dos direitos humanos no nosso país. Foi, não, é um guerreiro. Mas já foi o comandante da tropa e, hoje, ele é um soldado. Prazer em vê-lo aqui, Dom Luciano.

Cerca de 25 milhões de pessoas – mais de 10% da população brasileira – é composta por italianos ou descendentes de italianos. Por isso, qualquer brasileiro pode dizer que temos uma pequena Itália entre nós. Até na minha casa tenho uma “oriundi”, que é a minha mulher, e que faz questão de me provocar todo dia, dizendo que tem sangue italiano e que eu tenho sangue nordestino.

Os imigrantes italianos, e vocês sabem bem, ajudaram a construir o Brasil contemporâneo. Seus filhos e netos continuam contribuindo diariamente para nosso progresso, agora já não mais como italianos, mas como brasileiros. Os imigrantes italianos tiveram papel fundamental no desenvolvimento industrial brasileiro, sobretudo em São Paulo. E aqui está a representação do que significa isso, um genuíno representante dos Matarazzo aqui, na Itália.

Contribuíram, também, para a formação de nossa cultura empreendedora. Por isso, vejo com muita alegria que a troca de experiências continua.

O acordo de cooperação que a Fiesp acaba de assinar com a Confindustria é mais um importante capítulo na centenária história de cooperação entre Itália e Brasil. A presença do presidente da Fiesp, Paulo Skaf, nesta reunião, é outro sinal da importância de uma relação que deve ser preservada e alimentada por novas iniciativas.

São muitas as empresas italianas que se transformaram em histórias de sucesso no Brasil. Seus nomes são parte integrante de nosso processo de



desenvolvimento econômico. Hoje, as unidades brasileiras de firmas italianas são líderes mundialmente reconhecidas em seus setores e contribuem significativamente para o esforço exportador brasileiro.

Senhoras e senhores,

O investimento direto italiano no Brasil cresceu cerca de 300% na última década. Nesse período, o estoque de inversões italianas elevou-se a cerca de 4 bilhões de dólares. Esses números são indicativos da aposta que a Itália faz no Brasil. Revelam o potencial de nossas relações econômicas e comerciais. Temos, entretanto, muito trabalho pela frente.

O comércio entre Brasil e Itália não representa um por cento do total importado e exportado pelos dois países. Nossa corrente de comércio bilateral, hoje em torno de 5 bilhões de dólares, está aquém do que se pode esperar de parceiros com tantas complementaridades e interesses comuns. Devemos levar a cabo novas iniciativas de cooperação empresarial em áreas de alto valor agregado e conteúdo tecnológico, como o projeto do avião AMX.

A Itália é uma história de êxito no processo de internacionalização de suas empresas. Por isso, temos muito que aprender com os italianos. Podemos, também, contribuir com a qualidade de nossos produtos e qualidade de mão-de-obra.

A colaboração entre nossas pequenas e médias empresas é especialmente importante, sobretudo por sua capacidade de gerar novos empregos e capacitação profissional.

Essa cooperação pode ajudar a transformar a pauta exportadora brasileira para a Itália e para terceiros mercados. As empresas italianas podem nos ajudar nessa empreitada e dela beneficiar-se.

Temos de aproveitar as oportunidades abertas pelo acesso preferencial aos mercados regionais. Algumas delas já são efetivas, como as preferências negociadas pelo Brasil com os países da América do Sul. Trata-se de atrativo adicional para os empresários italianos que pensam investir em nosso país.



Mais importante, ainda, será garantir a conclusão do Acordo Mercosul-União Européia no mais breve prazo possível. O Brasil está empenhado em levar as negociações a bom termo. Certamente contamos com a Itália e com seus empresários para chegar a resultados equilibrados e mutuamente vantajosos.

Meus amigos e minhas amigas,

Quero convidá-los a apostar no Brasil que estamos construindo. Muita coisa aconteceu nestes últimos três anos. Consolidamos a estabilidade macroeconômica e retomamos a rota do desenvolvimento sustentado.

Em 2004, nosso PIB cresceu 4,9%. Nossa dívida externa está em seu patamar mais baixo desde 1997. Diminuímos a relação dívida-PIB. A inflação está sob controle. Recuperamos nossas reservas internacionais. Houve queda significativa em nossa vulnerabilidade externa e no risco-Brasil.

Implementamos reformas de importância direta para as atividades empresariais. Mudamos nossa legislação tributária para reduzir o custo dos investimentos, da produção e das exportações. Aprovamos a nova Lei de Falências. Temos novo marco legal para o setor elétrico.

Com a aprovação das Parcerias Público-Privadas, estamos criando um novo modelo para investimentos em obras de infra-estrutura. Aumentam as oportunidades de negócios para os empresários italianos que tiverem visão.

As políticas responsáveis e de longo prazo que adotamos constituem, acima de todo, um compromisso com o povo brasileiro. O bem-estar de 186 milhões de pessoas não pode ser comprometido. O êxito de nosso combate contra fome e exclusão social depende de nossa persistência. Não vamos mudar de rumo.

Nossas políticas econômicas e sociais possibilitaram, em 33 meses, a criação de mais de 3,5 milhões de novos postos de trabalho. Melhoramos o poder de compra do brasileiro mais pobre. Estamos resgatando uma hipoteca histórica. Ao mesmo tempo, expandimos nosso mercado interno.



Nossas exportações atingiram recordes inéditos. Devemos exportar, até dezembro, 117 bilhões de dólares. Nos últimos 12 meses, de economia com pouca participação no comércio internacional, estamos recuperando nossa vocação externa. Nossa corrente total de comércio deve chegar a 30% do PIB. Ocupamos lugar de destaque em vários setores, do agronegócio aos jatos regionais.

Senhoras e senhores,

A atuação externa do Brasil é pautada pela busca do desenvolvimento sustentável e do bem-estar de nossa população. Estou certo de que essa é uma orientação partilhada pela Itália. No passado, empreendedores italianos partiram para o Brasil em busca de seus sonhos. Foram bem-sucedidos e, ao mesmo tempo, ajudaram a construir o nosso país. Tornaram-se brasileiros.

Muito mudou desde o final do século dezenove e o início do século vinte. O Brasil de hoje é muito diferente daquele onde seus antepassados chegaram, o que permanece é a nossa disposição em recebê-los como amigos, como sócios e como parceiros.

Faço aqui um chamado. Aproveitem o grande patrimônio que temos em nosso favor. Nossa história comum, nossas relações de amizade e de conhecimento, o jeito de ser que compartilhamos.

Eu quero dizer aos empresários italianos, porque os brasileiros eu já os conheço – antes, pedir um pouco d'água. Os assessores nunca têm obrigação de saber se estamos ou não com sede. Mas eu queria dizer uma coisa muito importante para vocês. O nosso querido Paulo Skaf e os empresários brasileiros que estão aqui poderão testemunhar isso, quando eu virar as costas e for embora para Moscou – não sei se o Paulo vai para Moscou também. Mas outros empresários brasileiros, e mesmo italianos, que conhecem o Brasil, podem testemunhar. Eu me lembro que havia, há pouco tempo atrás, um medo muito grande do que pudesse acontecer no Brasil com uma vitória do presidente Lula. Uns, talvez por falta de compreensão da própria História do



Brasil, outros porque eram adversários e tinham que falar mal, e outros, certamente, por medo.

Eu me lembro que eu disse num discurso, logo depois de eleito, que qualquer Presidente da República no Brasil, ao terminar o seu mandato, se tivesse sido um bom Presidente ou um mau Presidente, não teria nenhum problema, era mais um, numa história de dezenas e dezenas de Presidentes.

No meu caso, eu afirmei que nós não tínhamos o direito de errar. E não tínhamos o direito de errar porque a expectativa que geramos na sociedade brasileira foi muito grande. Portanto, o nosso compromisso de fazer as coisas acontecerem corretamente era maior do que com qualquer outro Presidente da República do Brasil.

Primeiro, tivemos que tomar uma decisão. E quem acompanha a economia brasileira sabe o sacrifício que fizemos em 2003. Para que pudéssemos conquistar o sucesso de 2004, tivemos que fazer um sacrifício profundo em 2003. Um sacrifício que significou cortar na própria pele, um esforço para que o Brasil não desandasse, para que o Brasil não começasse uma rota de falta de credibilidade.

Ao mesmo tempo, decidimos que se não é possível combinar uma política de crescimento econômico, se não tanto quanto cada um de nós gostaríamos de ter, mas uma política de crescimento econômico que permitisse a combinação entre uma política de estabilização econômica e uma forte política na área social.

Hoje, passados 33 meses, 34, no dia 1º de janeiro estaremos comemorando 36 meses de governo, estão aqui os empresários brasileiros, os empresários italianos que conhecem o Brasil. E eu quero dizer para vocês: nós decidimos não permitir que o povo brasileiro seja enganado mais uma vez, com mágicas na economia brasileira.

Aquelas mágicas que de vez em quando apareciam, que eles diziam: “agora eu vou lançar um plano tal e está resolvido todo o problema da



sociedade”. Fazíamos festa de noite e chorávamos de manhã, porque o sucesso do plano quase que nunca durava mais que seis meses.

Nós resolvemos, então, que o grande plano que nós queríamos ter, para a economia brasileira, era o plano da credibilidade, a recuperação da credibilidade externa, da recuperação da credibilidade interna, fazer as mudanças na legislação que era necessário fazer.

Por isso, no primeiro ano, aprovamos a reforma tributária, que era impossível de ser aprovada, e aprovamos a reforma da Previdência Social. E, agora, ainda falta uma parte da reforma tributária a ser aprovada, que é a desoneração do ICMS, a (inaudível) alíquotas na lógica dos estados brasileiros.

Ao mesmo tempo, nós tomamos como decisão que além das reformas era preciso que nós convencêssemos os investidores externos e os investidores internos a acreditar que desta vez o Brasil ia ter um longo ciclo de crescimento, que pudesse durar 10 anos, 15 anos, 20 anos, mesmo que não crescêssemos a 10% ao ano, como a China, ou a 10% como o Brasil cresceu na década de 70. Mas se crescêssemos vários anos seguidos num nível razoável, nós poderíamos transformar o Brasil, definitivamente, num país desenvolvido e não num país eternamente em vias de desenvolvimento.

Hoje eu posso dizer a todos vocês que, em nenhum momento da história econômica brasileira, nós tivemos uma combinação de fatores tão positivos como nós temos hoje. Quem é empresário no Brasil sabe que quando se decidia exportar, matava-se o mercado interno; quando se decidia recuperar o mercado interno, matava-se as exportações; quando se decidia crescer, a inflação ultrapassava os dois dígitos; quando diminuía a inflação, havia um arrocho, desemprego e recessão profunda na história do Brasil. O que nós estamos combinando? Nós estamos combinando, primeiro, um crescimento econômico; segundo, um crescimento das exportações; terceiro, o crescimento das importações, sobretudo de bens de capital. Está crescendo a poupança interna, está crescendo o crédito, sobretudo para o consumidor brasileiro. Está



crescendo o superávit de conta corrente, está diminuindo a dívida com relação ao PIB. E nós estamos, hoje, com 41 bilhões de superávit na balança comercial.

Esses números que estou dizendo para vocês podem ser pequenos para a rica história econômica da Itália. Mas para o Brasil, que desde 1980 vem sofrendo o descalabro do não-crescimento econômico, da perda de postos de trabalho, eu digo que nós estamos vivendo um momento, eu diria virtuoso, no Brasil. E nós não vamos, em hipótese alguma, permitir que haja qualquer mudança, porque no ano que vem tem eleições e, por ter eleições, é preciso tomar alguma medida populista para poder, mais uma vez, no curto prazo, enganar a sociedade brasileira. Não faremos isso.

Nós iremos continuar com a política econômica com (inaudível) sabendo que agora nós temos que reduzir, cada vez mais, e entrou num processo de redução das taxas de juros. Nós sabemos que, cada vez mais, precisamos facilitar o acesso ao crédito, sobretudo das pessoas que podem praticar o que nós chamamos consumo popular.

Quem não é brasileiro precisa saber que nós fizemos uma pequena revolução no crédito interno ou crédito consignado. Os trabalhadores pegam dinheiro emprestado a juros mais baratos do que no mercado, e eles pagam com o desconto na folha. Mensalmente, vai para a empresa para descontar no máximo 30% do que ele ganha. E em 17 meses colocamos em circulação 23 bilhões de reais. E a poupança interna, que em 2002 era de 17% do PIB, hoje está 24% do PIB.

Então, nós construímos com sacrifício as condições para que o Brasil tenha solidez, para que um ministro da Economia do Brasil, para que um ministro qualquer do meu governo, ou para que um membro qualquer do Parlamento brasileiro, ao viajar, ele possa encarar a todos com um só discurso e com uma só cara.

O Brasil não vai jogar fora a oportunidade que nós construímos.



Certamente a gente poderia ter crescido um pouco mais, certamente o juro já poderia ter caído mais rapidamente. Mas isso já aconteceu outras vezes no Brasil.

Eu me lembro que quando eu disputei as eleições, os juros no Brasil estavam a 15, e não a 19. E todo mundo sabia que não podia ficar em 15, porque a inflação já estava em 12. Ora, nós conseguimos esse equilíbrio. E esse equilíbrio é que vai possibilitar eu poder olhar na cara de cada empresário aqui e dizer: o Brasil não vai mudar de comportamento. Ninguém será pego de surpresa naquele país. Não haverá nenhuma reinvenção, a não ser o cumprimento dos compromissos que nós estamos assumindo com a nossa consciência e com o povo brasileiro.

É por isso que foi possível combinar uma política macroeconômica, que permita que o Brasil cresça razoavelmente, com uma política social que, pela primeira vez na história do Brasil, está dando cidadania às pessoas que não conseguiam comer três refeições por dia, antes de tomarmos posse.

É este Brasil, com forte investimento na área educacional, porque mandamos para o Congresso projetos de lei que significam revolução na educação brasileira. Decidimos fazer mais quatro universidades federais, 32 extensões de universidades federais para o interior do país e mais 32 escolas técnicas, para preparar o Brasil para o século XXI.

E por que século XXI? Porque eu tenho dito, tenho dito a todos vocês que vivem no Brasil, e quero dizer ao Montezemolo, aqui, tenho dito publicamente: o século XIX e uma parte do século XX foram o século da Europa; o século XX foi o século dos Estados Unidos e o século XXI nós não iremos deixar que o Brasil perca essa oportunidade.

Durante vários momentos, na história, o Brasil poderia ter se transformado em uma potência econômica. Deixaram escapar pelos dedos. Estejam certos de que não iremos perder essa oportunidade. Essa é a vez e a hora do Brasil, e nós iremos fazer o que precisa ser feito, enfrentar quem



tivermos que enfrentar, para que o povo brasileiro possa, definitivamente, conquistar sua cidadania.

Há muita coisa a apresentar para o empresariado. Nós estamos tentando organizar um grande evento de empresários, talvez em dezembro, no Brasil, para que a gente mostre todas as possibilidades na área de infraestrutura, no Brasil e na América do Sul. São rodovias importantes, hidrelétricas importantes, redes de transmissão importantes, são ferrovias importantes, são hidrovias importantes, porque nós achamos que na hora em que tivermos a infra-estrutura adequada nós poderemos competir com muito mais igualdade, com todo e qualquer país do mundo.

E estejam certos de uma coisa: nós acreditamos que ainda este ano possamos apresentar ao mundo um acordo União Européia-Mercosul, para que a gente possa transitar, com mais facilidade, com os nossos produtos, tanto na Europa, quanto os da Europa no Brasil.

Mas, ao mesmo tempo, nós pensamos que está na hora de todos nós assumirmos a responsabilidade de garantir que os países mais pobres tenham uma chance de se desenvolver e os países ricos fazerem um investimento nessa região.

Nós estamos fazendo. Cada país da América do Sul, hoje, tem uma obra de infra-estrutura financiada pelo Brasil. E será assim porque nós entendemos que não adianta o Brasil crescer se os seus parceiros estiverem todos pobres. É preciso crescer de forma equânime, como fez a Europa, ajudando a Grécia, ajudando a Espanha, ajudando Portugal a dar um salto de desenvolvimento na sua infra-estrutura.

Quero desejar a todos vocês – já me comprometendo com o Paulo Skaf de que, quem sabe, poderemos encontrar os empresários em março, para saber qual foi o resultado das negociações que vocês fizeram nas visitas dos empresários italianos ao Brasil.

Por isso, eu quero desejar sucesso a todos vocês ou, como dizem os



italianos – está escrito aqui, eu vou tentar ler, aqui: *in boca al lupo*, ou seja, “na boca do lobo”.

Muito obrigado.